

# O VOCATIVO NO DIALETO MINEIRO NOS SÉCULOS XIX E XX: UMA ABORDAGEM VARIACIONISTA<sup>1</sup>

Juliana Costa MOREIRA (UFMG)<sup>2</sup>

**RESUMO:** O presente artigo tem como objeto de estudo o *vocativo* em sentenças de língua portuguesa coloquial de Minas Gerais nos séculos XIX e XX. Observa-se que o *vocativo* apresenta-se em três posições nos contextos em que aparece: à esquerda da oração [**Voc + Oração**]; à direita da oração, [**Oração + Voc**] e dentro do enunciado [**Or + Voc + Or**]. O objetivo do artigo é apresentar uma análise variacionista das sentenças com *vocativo*, considerando sua posição na oração, além de verificar se está ocorrendo um processo de *mudança em progresso* envolvendo a posição do *vocativo* na frase.

**ABSTRACT:** The present article has since object of study the *vocative* in sentences of colloquial Portuguese language of Minas Gerais at centuries XIX and XX. Notice that *vocative* shows in three positions in the contexts that it appears: on the left of clause [**Voc + Clause**], on the right of clause [**Clause + Voc**] and within expressed [**Clause + Voc + Clause**]. The objective of the article is shows a variacionist analysis of sentences with *vocative*, considering his position in the phrase and to check if a process of change in progress that involves the position of *vocative* in the phrase is occurring.

## 1. Introdução

O presente artigo tem como objeto de investigação o *vocativo* em construções de língua portuguesa coloquial dos séculos XIX e XX.

Estudos variacionistas identificam três possíveis posições de colocação do *vocativo* na sentença (Alkmim e Garcia (2003)), (Alkmim e Moreira (2004)), as quais serão exemplificadas a seguir:

- (1) “**Sr. Maurício**, nós não fizemos por mal.”
- (2) “O que há, **Francisco**?”
- (3) “Ouve, **Lúcia**, os meus conselhos.”

Em (1) o termo “Sr. Maurício”, denominado *vocativo*, aparece à esquerda da oração [**Voc + Oração**], separado dela por vírgula. Em (2), o termo “Francisco” (*vocativo*), aparece à direita da oração [**Oração + Voc**], também separado por vírgula. Já em (3), o termo “minha Rosinha” (*vocativo*) aparece dentro do enunciado [**Or + Voc + Or**] e, por sua vez, intercalado por vírgulas.

Na comunicação espontânea, normalmente, o *vocativo*, corresponde a um título, nome próprio, sobrenome, termo carinhoso ou até ofensivo, apelido daquela pessoa com quem se quer falar. De acordo com Houaiss (2001: 2877), *vocativo* é “uma forma lingüística usada para chamamento ou interpelação ao leitor no discurso direto”.

O *vocativo* é muito empregado nos atos de fala no cotidiano dos usuários da língua, visto que chamamos e somos chamados em várias situações comunicativas e apesar de estar presente dentre os termos da gramática tradicional na parte de Sintaxe, não é tema muito investigado, tanto por parte dos gramáticos tradicionais, quanto por parte dos estudiosos de lingüística. Percebe-se que há de certa forma um “descaso” no tratamento do tema, pois a maioria dos autores fazem a ele apenas breves referências.

As Gramáticas Tradicionais e os Dicionários de Lingüística identificam o *vocativo* em termos de sua entonação ou virgulação, mencionando sempre a presença das interjeições Ó, Oh, Ah que o precedem, como também o isolamento do termo em relação ao restante da oração (Melo, 1978; Luft, 1983; Cunha e Cintra, 1985; Cegala, 1985; Câmara Jr, 1981). Bechara (1999:460) chama-o de “uma unidade à parte”.

Perini (1995:91) trata-o de “termo estranho à estrutura argumental da oração, que constitui por si só uma frase independente”. O autor afirma ainda que uma análise por traços sintáticos não se aplicaria a este

<sup>1</sup> Este trabalho se deriva da monografia de bacharelado intitulada “O Vocativo na Língua Coloquial de Minas Gerais nos séculos XIX e XX: uma abordagem variacionista” realizada na Universidade Federal de Ouro Preto, no ano de 2005, sob a orientação da Profª Drª Mônica G R de Alkmim.

<sup>2</sup> julianaichs@yahoo.com.br

termo, uma vez que a sua conexão com a oração não é propriamente sintática. Para o autor, tal ligação não tem a ver com a estrutura da própria oração, mas sim com a organização do discurso.

Por outro lado, Mundim (1991:07), no trabalho *Formas de tratamento e vocativos no Rio de Janeiro*, um dos poucos trabalhos sobre o tema, levanta a hipótese de que o *vocativo* teria um elo semântico com o tratamento usado no discurso. Para Mundim, “a opção por determinada expressão vocativa depende diretamente da intenção que temos ao nos dirigir a uma pessoa”. Assim, muitas vezes, tal processo é inconsciente, como ocorre em situações comuns do dia-a-dia (pedido de informação, perguntar as horas, etc.). Entretanto, em situações mais específicas, a escolha do *vocativo* é decorrente de um processo de opção, consciente e elaborado, e depende de um possível interesse pessoal<sup>3</sup>. O processo consciente de opção, no *corpus* analisado pela autora, foi mais atuante quando o falante utilizava um *vocativo não-profissional*<sup>4</sup>. Na utilização de um *vocativo profissional*<sup>5</sup>, o falante estaria protegido por uma espécie de escudo, uma vez que esse termo não apresenta alto grau de envolvimento do falante. Ele estaria usando uma expressão que iria identificar uma categoria profissional dentro da sociedade. O que parece haver é uma co-referência entre a pessoa do sujeito e o *vocativo*.

No primeiro trabalho realizado sobre o *vocativo* no dialeto mineiro, Alkmim e Garcia (2003) Relatório PIP/CNPq – *O vocativo no dialeto mineiro: uma abordagem variacionista*, apresentaram uma análise do *vocativo*, considerando primeiramente, a posição do elemento na oração dentro de um recorte sincrônico (2ª metade do século XX), com *corpus* de 40 entrevistas de informantes nascidos em Mariana – MG e 6 peças de teatro escritas por autores mineiros contemporâneos.

Em estudo posterior, intitulado *O vocativo na Língua Coloquial do século XIX: uma abordagem variacionista*, concluído com o apoio do PIBIC/CNPq, Moreira e Alkmim (2004), apresentaram a análise variacionista das sentenças com o *vocativo* dentro de um recorte diacrônico (século XIX), utilizando-se um *corpus* formado por diálogos retirados de peças de teatro escritas em Minas Gerais no século XIX.

Ao comparar os dados obtidos na análise diacrônica (século XIX) em peças de teatro, com o *corpus* sincrônico (apenas das peças de teatro da 2ª metade do século XX), as autoras constataram que em épocas diversas, séculos XIX e XX, o Português do Brasil apresentou preferência ora por uma determinada posição [**Oração + Voc**], ora por outra [**Voc + Oração**]. Todavia, as referidas autoras não puderam afirmar se realmente estava ocorrendo um *processo de mudança em progresso* envolvendo as construções com o *vocativo*, uma vez que consideraram no trabalho o século XIX (como um todo) e a 2ª metade do século XX.

Como para analisar *mudança lingüística* é necessário que se analisem pelo menos três períodos de tempo (Labov 1972), no presente estudo optou-se por dividir o século XIX em dois períodos de tempo, levantar os dados da 1ª metade do século XX e buscar um *corpus* da 2ª metade do século XX (Alkmim e Garcia (2003)).

Levando-se em conta o que foi exposto, o objetivo primeiro desse trabalho é apresentar uma análise variacionista das sentenças com *vocativo*, considerando sua posição na oração, utilizando-se um *corpus* constituído de diálogos de peças de teatro, escritas em Minas Gerais nos séculos XIX e XX.

Dessa forma as seguintes questões tornam-se relevantes no estudo do *vocativo*:

1. Estaria ocorrendo no Português Brasileiro um processo de *mudança em progresso* (mudança ainda não completada) envolvendo a posição do *vocativo* na frase? Ou melhor, em manifestação do Português pretérito os enunciados apresentavam o *vocativo* preferencialmente no início, no meio ou no fim das construções e essa preferência coincide com a tendência do Português contemporâneo?
2. Caso seja comprovada a hipótese de *mudança em progresso* envolvendo a posição do *vocativo*, seria possível fornecer dados que situem a sua *implementação* no PB?

As respostas às questões formuladas acima serviram de subsídios para a discussão da questão mais geral que implica em caracterizar o *vocativo* e identificar, descrever e justificar as condições sob as quais há ocorrência do termo em questão.

---

<sup>3</sup> Mundim (1981: 52) cita que alguns informantes declararam que, dependendo da situação, poderiam usar o *vocativo doutor* para o deputado, primeiramente se estivesse em sua presença para pedir-lhe um favor.

<sup>4</sup> Para Mundim (1981) *vocativos profissionais* são aqueles que refletem diretamente a profissão da pessoa com quem se quer falar, isto é, a profissão que ele exerce na sociedade, como: “motorista”, “taxi”, “guarda”, “garçom”, “moço do limão”, “gerente”, “porteiro”, etc.

<sup>5</sup> Mundim (1981) caracteriza os *vocativos não-profissionais* como expressões que podem ser usadas para vários tipos de pessoas, independente da sua ocupação profissional: “amigão”, “moço”, “mestre”, “gente boa”, “freguês”, “minha querida”, “rapaz”, “senhor”, etc.

## 2. Métodos e Procedimentos

O *corpus* utilizado no presente trabalho compõe-se de peças de teatro escritas em Minas Gerais nos séculos XIX e XX.

Para a formação do *corpus* do Dialeto Mineiro Oitocentista, foram consultadas peças de teatro dos seguintes autores: Martins Pena (1ª metade do século XIX), Modesto de Paiva e Severiano Nunes Cardoso de Rezende (2ª metade do século XIX), sendo que os dois últimos autores nasceram em Minas Gerais.

Os dados referentes à 1ª metade do século XX foram retirados de peças de teatro dos autores: Luiz de Oliveira, Américo Werneck, Tancredo Braga, Antônio Rodrigues de Mello, Oscar Argolo do Nascimento, Severiano Nunes Cardoso de Rezende e Durval Lacerda. Já os dados referentes à 2ª metade do século XX foram retirados de peças de teatro do autor Walmir José.

Houve uma certa dificuldade na formação do referido *corpus*. Não foram encontradas peças de autor mineiro na 1ª metade do século XIX, para que o número de dados não ficasse prejudicado, optou-se por computar peças de autor brasileiro não nascido em Minas Gerais: Martins Pena.

A escolha de diálogos de peças de teatro, para a composição de um *corpus* que se aproxime da língua oral, justifica-se por aproximarem-se da situação de uso do vernáculo, uma vez que tendem a ser a representação da fala da personagem que representa a sociedade. Dentre as peças de teatro, deu-se preferência a comédias e teatro de revista, pois esses textos caracterizam um estilo mais informal, retratam com maior fidelidade a fala vernacular.

Para evitar que textos que sofreram modificações fossem analisados, foram selecionadas edições com o máximo de rigor possível para a montagem do *corpus*. Essas peças e esses autores foram escolhidos por atenderem uma característica primordial para o estudo da língua com textos escritos: não possuem modificações feitas pelo próprio autor ou por terceiros. Buscou-se a 1ª edição de cada obra, ou ainda, quando possível, o original manuscrito<sup>6</sup>.

As peças de teatro foram lidas e as construções contendo *vocativo* foram transcritas. Os dados foram codificados a partir de hipóteses formuladas no decorrer da pesquisa. Após a codificação foi realizado o levantamento estatístico dos dados.

Foram consideradas no presente trabalho como variável dependente construções com *vocativo*. As três variantes consideradas para efeito de levantamento serão: [**Voc + Oração**], [**Or + Voc+ Or**] e [**Oração +Voc**].

É importante ressaltar que a posição de um *vocativo* na elocução é um fator importante em estudo sobre o *vocativo*, uma vez que pode mostrar um fenômeno de *mudança em progresso*.

## 3. Resultados

No *corpus* analisado, computou-se um total de 2349 estruturas contendo *vocativo*, das quais 2090 estruturas foram consideradas para a análise de acordo com a sua posição em relação à oração.

Um total de 259 construções contendo *vocativos* não foram analisados no presente trabalho. Tais construções foram agrupadas em dois blocos, de acordo com o motivo pelo qual não foram classificadas:

- 1) 220 dados deste total são estruturas com elipse de verbo e remetem ao fato de o *vocativo* poder estar separado da oração por mudança de locutor, como mostra Perini (1999:91);
- 2) os outros 39 dados apresentam estruturas (SIM/ NÃO + SENHOR), denominadas por Oliveira (1996) de epíteto.

A distribuição das ocorrências com *vocativo* em relação ao *corpus* analisado que foram consideradas para a análise pode ser visualizada na Tabela 1, a seguir:

---

<sup>6</sup> A referência bibliográfica de todas as peças e obras utilizadas na composição do *corpus* encontra-se na Bibliografia.

**Tabela 1**  
**Distribuição das estruturas com vocativos do corpus**

<b>Estrutura</b>	<b>Nº</b>	<b>%</b>
<b>[Voc + Oração]</b>	714	34,1
<b>[Or + Voc + Or]</b>	175	8,4
<b>[Oração + Voc]</b>	1201	57,5
<b>Total</b>	2090	100

Considerando as porcentagens acima apresentadas, verifica-se que a modalidade **[Oração + Voc]** apresenta-se com mais freqüência em relação às duas outras variantes, que representaram, respectivamente, 34,1% e 8,4%.

A distribuição das estruturas com *vocativo* do *corpus* em relação ao período de tempo em que foram escritas, serão apresentadas aqui, ordenadamente, começando pelo período de tempo mais antigo: T1 (1ª metade do século XIX), T2 (2ª metade do século XIX), T3 (1ª metade do século XX) e T4 (2ª metade do século XX). Estes códigos serão utilizados para efeito de simplificação no momento em que será feita a comparação entre estes quatro períodos de tempo.

A distribuição das ocorrências do *vocativo*, em relação ao período de tempo em que foram escritos, pode ser visualizada na Tabela 2, a seguir:

**Tabela 2**  
**Taxa de uso das construções com vocativo de acordo com o tempo**

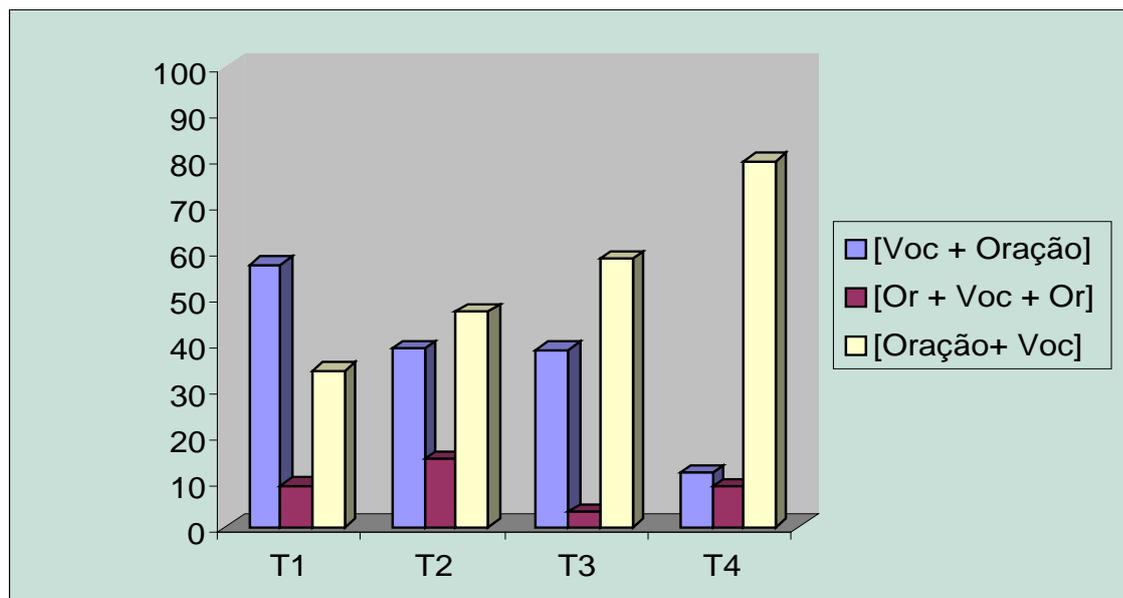
<b>VOCATIVO</b>	<b>T1</b>		<b>T2</b>		<b>T3</b>		<b>T4</b>		<b>TOTAL</b>
	<b>Nº</b>	<b>%</b>	<b>Nº</b>	<b>%</b>	<b>Nº</b>	<b>%</b>	<b>Nº</b>	<b>%</b>	
<b>[Voc + Or]</b>	270	57,0	146	38,7	220	38,5	78	11,7	714
<b>[Or+Voc+Or]</b>	43	9,0	55	14,6	19	3,3	58	8,7	175
<b>[Or+Voc]</b>	161	34,0	176	46,7	332	58,2	532	79,6	1201
<b>TOTAL</b>	474	100	377	100	571	100	668	100	2090

A comparação dos resultados mostra perfis diferentes, o que sugere estar havendo competição entre as construções com *vocativo*. A variante **[Voc + Oração]**, que ocorre com mais freqüência em T1 (1ª metade do século XIX), descende gradativamente ao longo do tempo. A variante **[Oração + Voc]**, no entanto, apresenta perfil ascendente, com maior porcentagem de realização em T4 (2ª metade do século XX), perfil esse indicativo de *mudança lingüística*.

Observa-se, ainda, que a variante **[Or + Voc + Or]** manteve, ao longo dos períodos de tempo analisados, uma baixa porcentagem de realização e, portanto, continua não sendo a estrutura preferida pelo falante do Português Brasileiro.

O gráfico 1 (dados retirados da Tabela 2), a seguir, permite a visualização do perfil da construção que possui perfil ascendente, da construção que possui perfil descendente, assim como a construção que mantém uma baixa porcentagem de realização ao longo dos quatro períodos analisados.

**Gráfico 1**  
**Efeito do fator tempo sobre o uso das construções com vocativo**



Uma vez realizado o levantamento dos dados do português pretérito, pode-se tentar responder à questão proposta anteriormente (Introdução) relativa à *implementação* da *mudança*. Ou seja, quando passa a ocorrer no PB uma preferência pela estrutura [**Oração + Voc**]?

De acordo com o *corpus* das peças de teatro analisado (Tabela 1), a preferência por tal estrutura começa a ocorrer na 2ª metade do século XIX, quando os resultados da análise apresentam uma porcentagem que passa de 34% (1ª metade do século XIX) para 46,7% na 2ª metade do século XIX, crescendo para 58,2% na 1ª metade do século XX e chegando a 79,6% na 2ª metade do século XX. É, portanto, na 2ª metade do século XIX que começa a ocorrer competição entre as variantes [**Oração + Voc**] e [**Voc + Oração**], do que resulta o aumento da porcentagem de realização da primeira e decréscimo da última.

#### 4. Considerações Finais

O objetivo geral desse trabalho foi realizar uma análise variacionista de sentenças com *vocativo* na linguagem coloquial de Minas Gerais dos séculos XIX e XX, considerando as três posições do *vocativo* anteriormente mencionadas.

A comparação dos resultados mostra perfis diferentes entre as variantes, o que sugere estar havendo competição entre as construções com *vocativo*. A variante [**Oração + Voc**] apresenta perfil ascendente, com maior porcentagem de realização na 2ª metade do século XX, perfil indicativo de *mudança lingüística*, enquanto a variante [**Voc + Oração**], que ocorre com mais frequência, na 1ª metade do século XIX, decresce gradativamente ao longo dos quatro tempos. A variante [**Or + Voc + Or**], no entanto, manteve baixa porcentagem de realização nos tempos investigados e continua não sendo a estrutura preferida pelo falante do PB.

Os dados permitiram, ainda, concluir, que a *implementação* dessa *mudança lingüística* deu-se na 2ª metade do século XIX, quando os resultados da análise apresentam uma porcentagem que vai de 34% (T1) para 79,6% (T4).

Uma questão intrigante em estudos sobre a *implementação* de tal *mudança em progresso* é investigar da porque essa dada mudança ocorre nesse momento de tempo específico (2ª metade do século XIX) e em que local determinado. Para isso é preciso saber como uma língua muda dentro dos sistemas social e lingüístico. A busca de resposta para esta questão não se inclui dentre os objetivos da presente investigação, mas é, sem dúvida, uma motivação para a realização de outros trabalhos.

#### 5. Referências bibliográficas

##### I – Corpus

- BRAGA, T. *Terra Ideal* (Manuscrito Acervo Clube Teatral A. Azevedo)- Biblioteca da UFSJ, 1915.
- JOSÉ, Walmir. *Um Sobrado em Santa Tereza* ( Manuscrito), 1999.
- JOSÉ, Walmir. *Aniversário de casamento* (Manuscrito), 1999.
- JOSÉ, Walmir. *Vô Doidim* (Manuscrito),1999.
- JOSÉ, Walmir. *Ciúmes Delicados* (Manuscrito), 1999.
- LACERDA, D. *Número 1*. (Manuscrito do Clube Teatral Artur Azevedo)- Biblioteca da UFSJ,1918
- MELLO, A.R. de. *O Tio Bernardo* (Manuscrito do Clube Teatral Artur Azevedo)- Biblioteca da UfSJ,1906.
- NASCIMENTO, O. A. de. *Glorificação Japonesa*. (Manuscrito do Clube Teatral Artur Azevedo)- Biblioteca da UfSJ-1906.
- OLIVEIRA, L. de. *Scenários*. Juiz de Fora: Typographia Gutemberg J. Ribeiro,1917.
- PAIVA, M. de. *A onça*. Manuscrito Acervo do Clube Teatral Artur Azevedo -Biblioteca da UFSJ. 1897
- PAIVA, M. de. *Mudança de Capital*. Acervo do Clube Teatral Artur Azevedo- Biblioteca da UFSJ, 1893.
- PENA, M. *Comédias de Martins Pena*. Ediouro Ed. Tecnoprint Ltda. (Ed. Crítica Darcy Damasceno). 394p.
- RESENDE, S.N.C. de. *As Gêmeas*. (Manuscrito do Clube Teatral Artur Azevedo)- Biblioteca da UfSJ-1906.
- RESENDE, S.N.C. de. *A virgem Martyr de Santarém*. Manuscrito Acervo do Clube Teatral A. Azevedo – Biblioteca da UFSJ. 1870.
- RESENDE, S.N.C. de. *Santo Antônio nas águas*. (Manuscrito do Clube Teatral Artur Azevedo)- Biblioteca da UfSJ-1906.
- WERNECK, A. *Lucrecia*. Cidade de Minas Gerais: Imprensa Oficial de Minas Gerais,1900. 104p

## II- Referências bibliográficas

- ALKMIM, M.G.R. de e GARCIA, I. *O Vocativo no Dialeto Mineiro: uma abordagem variacionista*. Relatório Final CNPq/ UFOP, 2003.
- ALKMIM, M.G.R. de e MOREIRA, J.C. *O Vocativo na Língua Coloquial de Minas Gerais no século XIX: uma abordagem variacionista*. CNPq/ UFOP, 2004.
- BECHARA, E. *Moderna Gramática Portuguesa*. Ed. Revista e Ampliada. RJ: Ed. Lucerna. 1999.669p.
- CAMARA JR. J.M *Dicionário de Lingüística e Gramática*. Petrópolis: Ed. Vozes. 1981, 266p.
- CEGALLA, D.P. *Novíssima Gramática da Língua Portuguesa*. SP: Nacional. 1985. 556p.
- CUNHA, Celso & CINTRA, Lindley. *Nova Gramática do português Contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985. p.155-158, 724.
- HOUAISS, Antônio. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2922 p.
- LABOV, W. *Sociolinguist Patterns*. University of Pennsylvania Press. Philadelphia. 1972 a

DUBOIS, Jean et al. *Dicionário de Linguística*. Tradução de Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 1978. p.324.

LUFT, Celso Pedro. *Moderna Gramática Brasileira*. Rio de Janeiro: Globo, 1983.

MELO, Gladstone Chaves de. *Gramática Fundamental da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Livro Técnico, 1978. p.142.

MUNDIM, S.S. de M. *Formas de Tratamento e Vocativo no Rio de Janeiro*. 1881. Dissertação de Mestrado. UFRJ 95p.

MOREIRA, Juliana C. *O Vocativo na Língua Coloquial de Minas Gerais nos séculos XIX e XX: uma abordagem variacionista*. Monografia de Bacharelado. ICHS/UFOP. 2005. 92p

OLIVEIRA, M de *Respostas Assertivas e suas Variações nas Línguas Românicas: o seu papel na aquisição*, 1996, 200 p. Tese de Doutorado. UNICAMP Campinas

PERINI, M. A. *Gramática descritiva do Português*. SP: Ed. Ática. 1995. 380p.